

INDÚSTRIA

A indústria vence a crise?*

Daisy Dias Schramm Zeni**

O desempenho da indústria nos sete primeiros meses de 1993 comparado com o no mesmo período do ano anterior,¹ ressaltando que neste último a produção foi extremamente restrita, permite inferir que, com exceção de fevereiro, os outros meses registraram taxas de crescimento acima dos 10%, sendo a de julho 11,05% (Tabela 1). Por esse mesmo indicador, no mês de julho, somente o gênero extrativa mineral (-5,36%) apresentou taxa negativa de crescimento.

Merece destaque o comportamento dos gêneros que compõem o complexo metalmeccânico, todos registrando significativas taxas de crescimento da produção. Assim, o gênero mecânica apresentou, em junho e julho, taxas de 19,65% e 22,53% respectivamente; metalúrgica, 12,57% e 12,76%; material de transporte, 20,23% e 18,20%; e material elétrico e de comunicações, 27,26% e 33,52%. Grande parte desse bom desempenho tem a ver com o forte crescimento da produção da indústria automobilística², cujos efeitos se espraiaram por todo o complexo, dinamizando suas relações interindustriais. Também chama atenção a indústria eletroeletrônica, especialmente o ramo de aparelhos de imagem e som, de boa *performance* no período analisado.³

Outros gêneros que apresentaram expansão da produção em julho foram: fumo (31,61%); borracha (14,04%); produtos de matérias plásticas (12,81%); farmacêutica (12,43%); bebidas (12,40%); e perfumaria, sabões e velas (11,94%).

* Este texto foi elaborado com informações disponíveis até 20.09.93 e contou com a colaboração do estagiário da FEE André Passos Cordeiro.

** Economista da FEE

A autora agradece as sugestões dos colegas Flávio Benevett Flingspan, Sílvia Horst Campos, Maria Cristina Passos e Maria Lucrécia Calandro e Ricardo Brinco à versão preliminar do texto

¹ As taxas utilizadas neste parágrafo refletem a variação do mês de referência em relação ao mesmo mês do ano anterior

² O ramo automobilístico acumulou, de janeiro a maio, o crescimento da produção de 44,5%, sendo que, em agosto, foi estimada a fabricação de 125 mil veículos, com as vendas no mercado interno alcançando 106,9 mil unidades. Esses números constituíram, respectivamente, recorde de produção mensal e recorde de comercialização mensal no mercado doméstico (GM, 3.9.93, p.10). Estes últimos dados são ainda consequência do "acordo" firmado com o Governo pelo setor automobilístico e também da grande aceitação dos veículos chamados populares por parte dos usuários.

³ O ramo de eletroeletrônicos alcançou o expressivo aumento de 65,4% na produção, de janeiro a maio deste ano (GM, 30.7.93, p.10)

Tabela 1

Taxas de crescimento da produção física da indústria,
com ajuste sazonal, no Brasil — 1993

DISCRIMINAÇÃO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAIO	JUN	JUL
Indústria geral	10,96	4,16	13,83	11,64	16,55	10,10	11,05
Extrativa mineral	-4,69	-4,32	-0,92	-0,98	0,10	-0,17	-5,36
Indústria de transformação	11,91	4,64	14,66	12,34	17,49	10,69	11,72
Minerais não-metálicos	10,05	3,51	8,78	8,47	8,64	8,60	7,65
Metalúrgica	9,40	6,93	15,89	15,93	17,03	12,57	12,76
Mecânica	5,95	3,18	18,92	13,98	20,92	19,65	22,53
Material elétrico e de comuni- cações	26,02	5,11	37,33	46,13	41,88	27,26	33,52
Material de transporte	27,78	4,69	61,05	33,98	31,81	20,23	18,20
Papel e papelão	8,68	7,54	10,33	7,67	8,87	9,42	6,00
Borracha	24,36	5,62	3,04	12,13	12,10	6,09	14,04
Química	3,79	4,11	2,53	1,89	18,42	5,33	6,09
Farmacêutica	21,23	5,76	15,62	14,62	23,74	30,35	12,43
Perfumaria, sabões e velas	16,64	-0,04	15,32	4,23	13,48	2,03	11,94
Produtos de matérias plásticas	16,78	12,89	22,41	23,28	19,19	10,71	12,81
Têxtil	19,51	6,59	10,21	3,51	7,64	7,56	8,25
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	31,81	7,20	22,50	10,76	14,53	5,09	5,48
Produtos alimentares	9,59	1,57	1,17	1,11	8,49	-0,12	1,57
Bebidas	-4,90	2,97	1,85	4,32	-2,04	6,22	12,40
Fumo	-11,56	-11,52	-8,48	-6,65	4,21	11,82	31,61

FONTE: INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA: Brasil; produção física (1993). Rio de Janeiro: IBGE, jul.

NOTA: As taxas refletem a variação do mês de referência em relação ao mesmo mês do período anterior.

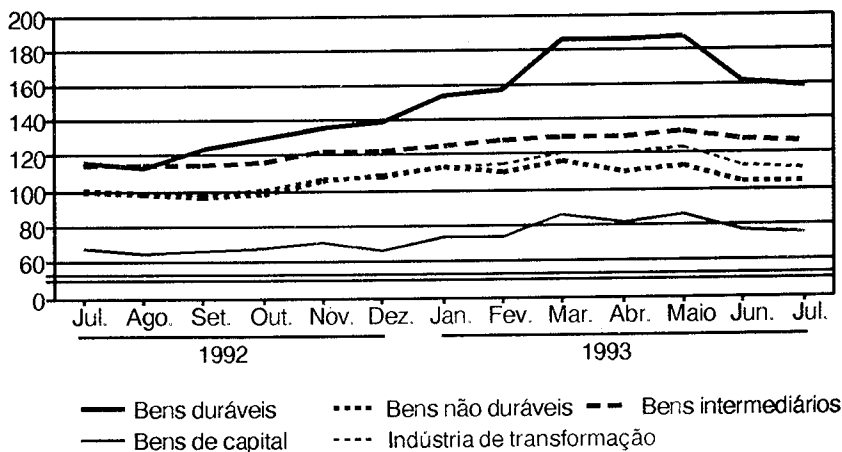
Os indicadores positivos da produção dos sete primeiros meses do ano em curso, entretanto, devem ser atentamente ponderados, uma vez que a base que serve de comparação (janeiro a julho de 1992) foi extremamente contraída. Assim, se o período de análise for restrito aos sete primeiros meses do corrente ano, tomando-se como indicadores índices de base fixa, pode-se melhor detectar as tendências de comportamento do setor.

A trajetória que foi percorrida pela indústria nacional no período de julho de 1992 a julho de 1993 é retratada com maior clareza através do Gráfico 1,⁴ referente às categorias de uso.

⁴ O Gráfico 1 foi construído com base nos índices de produção física — base média de 1981 = 100 —, com ajuste sazonal.

GRÁFICO 1

ÍNDICES DA PRODUÇÃO FÍSICA DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, COM AJUSTE SAZONAL, POR CATEGORIAS DE USO, NO BRASIL —1992/93



FONTE: IBGE/DPE/Departamento de Indústria.

NOTA: Os índices têm como base a média de 1981=100.

Observa-se que a curva representativa da indústria de transformação, depois de se manter praticamente estacionária de julho a setembro de 1992, passa a apresentar uma inclinação positiva até maio de 1993, declinando em junho 8,18% e em julho 0,85%.

Outra constatação possível a partir desse gráfico é a de que o comportamento da indústria de transformação foi influenciado positivamente, ao longo do período em pauta, pelas categorias bens de consumo duráveis e bens intermediários e, negativamente, pelas de bens de capital e bens de consumo não duráveis, esta última a partir de janeiro do corrente ano.

O Gráfico 1 mostra igualmente que, a partir de setembro de 1992, a curva que representa o comportamento da categoria bens de consumo duráveis cresce acentuadamente, caindo levemente em abril último, recuperando-se em maio e voltando a cair de maneira intensa em junho. A taxa de expansão da produção de setembro de 1992 a maio do corrente ano alcançou 51,88% e despencou em junho 14,16 pontos percentuais em relação a maio, decrescendo de maneira atenuada em julho ante junho, 1,50%. O comportamento dessa categoria é, em parte, explicado pelo incremento das vendas industriais de eletrodomésticos e de eletroeletrônicos até o mês de maio.

Bens intermediários, por sua vez, apresentou um comportamento mais estável, sendo suas taxas de crescimento da produção menores que as de bens de consumo duráveis, mas, em compensação, teve quedas menos acentuadas. Esse fato é confirmado pela curva que representa o desempenho dessa categoria no Gráfico 1. Cabe lembrar que um comportamento estável por longos períodos é característico dessa categoria. Assim, foi bens intermediários que registrou a menor queda da produção no mês de junho relativamente a maio (-3,38%) e, na comparação de julho com junho, -1,44%. A queda da produção de bens intermediários é em grande parte explicada pelos ramos que produzem bens para a construção civil, com o cimento registrando, segundo o IBGE, um decréscimo de 5,8% em seu volume de fabricação.

Por outro lado, os maus desempenhos das categorias bens de consumo não duráveis e bens de capital no período estudado atenuaram o crescimento da produção da indústria de transformação, contrabalançando o impulso que teve origem nas duas categorias referidas anteriormente.

De fato, bens de capital apresentou queda de produção acentuada em junho relativamente a maio (-10,55%), amenizando-a em julho ante junho (-0,71%). O mau desempenho dessa categoria é em parte explicado pela contração da produção de máquinas e equipamentos para a construção civil (-13,5%) e equipamentos para a agricultura (-10,7%) (GM 20.9.93, p.8). Note-se que a desaceleração das atividades da construção civil vem causando decréscimo da produção de duas categorias: bens intermediários e bens de capital, revelando a importância desse setor na economia.

Outro ponto negativo a ser lembrado, que afeta diretamente a categoria bens de capital, refere-se ao baixo patamar de investimentos que vem se observando no País há alguns anos. A média dos investimentos nos anos 80 — anos de estagnação da economia brasileira — alcançou 18,3% do PIB, enquanto, em 1992, essa taxa mal chegou aos 14,4% (IPEA). Tendo presente que essas taxas de investimento, além de baixas, se referem a todos os setores da economia nacional, constata-se que poderão ocorrer "gargalos" na produção, não só de bens de capital, pois que os diversos setores interagem entre si, mas criando sérios obstáculos ao desenvolvimento do setor industrial e da economia como um todo.

Bens de consumo não duráveis também registrou uma queda substancial da produção em junho relativamente a maio, 8,70%. Entretanto, em julho, ocorreu uma pequena recuperação (0,96%). A causa do aumento da produção dos bens de consumo não duráveis (de massa) em julho pode estar associada a um aumento da massa salarial⁵ naquele mês e da reposição de parte dos proventos dos aposentados.

A queda da produção industrial brasileira nos meses de junho e julho do corrente ano pode sinalizar uma tendência à desaceleração da produção.⁶ Por outro lado, dois fatos apontam que haverá um bom desempenho da indústria nos próximos meses. Em primeiro lugar, a taxa média de crescimento acumulada da

⁵ De acordo com pesquisa efetuada pela CNI, em julho, ante o mês anterior, a massa salarial do setor industrial do País teve um aumento de 2,36% (GM, 17.9.93, p.6)

⁶ Junho e julho foram os últimos meses para os quais estavam disponíveis números oficiais da evolução da produção industrial do País, quando da elaboração deste texto.

produção do ano — janeiro a julho — é bastante expressiva, 10,66% (GM, 20.9.93, p.8). Em segundo, a queda acentuada da produção em junho (-8,18%) perdeu claramente sua força em julho (-0,85%), o que pode significar uma retomada da expansão. Contudo o futuro comportamento do setor industrial está profundamente vinculado aos rumos que forem traçados pelo Governo para conduzir a política econômica nacional.

Crescem as exportações

O significativo crescimento das exportações brasileiras no primeiro semestre de 1993 (14,6%) em relação ao mesmo período de 1992 foi, em grande parte, o resultado da comercialização dos produtos manufaturados, que registrou o expressivo aumento da ordem de 15,89% (FSP, 25.8.93, p.23).⁷

Segundo o Departamento de Comércio Exterior (DECEX), as exportações nacionais, cuja retomada do crescimento vem ocorrendo desde 1992, poderão encontrar, futuramente, sérios obstáculos para atuarem no mercado internacional. Dentre estes, podem ser destacados: a redução do crescimento econômico dos países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE); as práticas protecionistas associadas a questões ambientais naqueles países; e o contencioso entre Brasil e Argentina.

Na relação de produtos industriais passíveis de sanções por questões ambientais estão incluídos os setores de papel e celulose, tintas e vernizes, têxteis, fertilizantes, calçados, baterias, pilhas, lâmpadas, material de isolamento térmico, xampus e desodorantes.

Quanto aos problemas de comércio de produtos industriais com a Argentina, estes multiplicaram-se, estando incluídos desde processos "anti-dumping",⁸ passando por salvaguardas⁹ e queda das tarifas de importação para o setor de bens de capital a qualquer país, acabando com a condição preferencial que somente o Brasil gozava desde que foi assinado o Protocolo nº 1, em 1988, entre os dois países.

⁷ Até o fim do corrente ano, estão previstos aumentos substanciais das exportações de diversos ramos industriais. O setor de aço e seus manufaturados calcula atingir vendas externas de US\$ 1 bilhão este ano, contra os US\$ 600 milhões vendidos em 1992. O setor de calçados estima faturar no mercado externo cerca de US\$ 2 bilhões, US\$ 500 milhões a mais do que no ano que passou. Para a indústria de celulose e papel, está acordada a comercialização com o Exterior de US\$ 1,4 bilhão no mesmo período (DCI, 18.8.93, p.9).

⁸ Entre os produtos sujeitos a processos "anti-dumping" encontram-se: velas de ignição, chapas de ferro ou aço laminados a frio, pneumáticos para bicicletas, arames de cobre esmaltados de diversos tipos, filmes de policloreto de vinila, discos e facas de aço, cristais óticos, etc.

⁹ O governo argentino estabeleceu, em abril do corrente ano, que sejam efetuadas investigações sobre alguns produtos brasileiros, em busca de irregularidades na área da comercialização internacional. Entre estes, encontram-se pneumáticos para automóveis e máquinas agrícolas, diversos tipos de papel e cartolinas, refrigeradores e *freezers*, estantes metálicas e outros.

Este último caso poderá representar perdas substanciais nas exportações, uma vez que a Argentina é o segundo mercado para os bens de capital nacionais, colocando-se apenas atrás dos Estados Unidos.

A utilização da capacidade instalada próxima do limite

Segundo a FGV (108ª sondagem conjuntural da indústria), houve expansão do nível médio de utilização da capacidade instalada da indústria em julho. Essa expansão é registrada em todas as categorias de uso, principalmente na de bens de consumo, cuja taxa média de utilização da capacidade instalada subiu três pontos percentuais, passando de 77% em abril a 80% em julho. Com relação a de bens de consumo intermediário, o aumento foi de dois pontos percentuais (de 85% em abril a 87% em julho), assim como a de bens de capital, que passou de 70% a 72% no mesmo período.

Cabe observar que alguns ramos da indústria de transformação já alcançam níveis perigosamente elevados de uso da capacidade instalada, destacando-se entre esses o automobilístico (95%), o de papel para impressão (95%), o de pneumáticos e câmaras de ar (94%) e o de derivados de petróleo (94%). O gênero celulose e pasta mecânica utiliza em média, atualmente, 99% de sua capacidade instalada, ou seja, atua no seu limite. Entretanto, neste último gênero, novas plantas estão em fase de conclusão, prestes a entrar em funcionamento em Santa Catarina, São Paulo e Bahia, enquanto outras unidades industriais estão ampliando sua capacidade (Rio Grande do Sul e São Paulo, entre outros).

A situação só não é mais grave, porque está havendo, na maioria dos ramos industriais, significativos ganhos de produtividade.¹⁰ Deve-se ter presente, todavia, que grande parte desse aumento de produtividade é obtido à custa de uma forte redução do emprego e de aumento das horas extras trabalhadas.

Outro ponto negativo, já citado neste texto, refere-se ao baixo patamar de investimentos que vem se observando no País há alguns anos.

O desempenho da indústria gaúcha

De janeiro a julho, o desempenho da indústria gaúcha foi superior ao da média nacional, ou seja, enquanto a indústria do País registrou, nos sete primeiros meses de 1993, a taxa de crescimento da produção de 10,66%, o setor fabril gaúcho acumulou no mesmo período a taxa de 16,71%. (Tabela 2).¹¹

¹⁰ O secretário de tecnologia do Ministério da Ciência e Tecnologia, José Paulo Silveira, revelou no Seminário Internacional de Qualidade e Produtividade — Avaliação e Custeio promovido pela FIERGS e SEBRAE-RS que "A produtividade da indústria brasileira, estagnada na década de 80 e com comportamento negativo em 1989, voltou a crescer em 1990 e, nos últimos três anos, avançou à razão de 4,45% ao ano" (GM, 15.9.93. p.10).

¹¹ As taxas refletem a variação do período do ano de 1993 em relação ao mesmo período de 1992.

Tabela 2

Taxas de crescimento da produção industrial do total da indústria de transformação e dos gêneros, acumuladas no ano, no Rio Grande do Sul — 1993

DISCRIMINAÇÃO	JAN	JAN-FEV	JAN-MAR	JAN-ABR	JAN-MAIO	JAN-JUN	JAN-JUL
Indústria de transformação	17,83	8,61	12,23	12,99	13,40	15,28	16,71
Minerais não-metálicos	-2,57	-3,08	0,52	5,66	6,72	6,44	4,17
Metalúrgica	8,17	4,49	11,91	16,18	18,80	19,83	20,25
Mecânica	25,07	13,27	16,64	16,27	20,32	29,45	32,80
Material elétrico e de comunicações	53,53	60,96	52,60	54,38	61,15	57,04	52,21
Material de transporte	150,43	60,97	83,25	77,89	61,16	59,17	55,36
Papel e papelão	37,04	22,03	17,94	15,49	9,91	9,33	9,14
Borracha	27,80	6,16	7,21	3,27	-1,18	-3,71	-1,29
Química	15,10	-5,51	-0,81	0,42	4,69	5,44	5,29
Perfumaria, sabões e velas	24,75	13,88	17,97	15,44	17,00	13,47	9,87
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	17,38	8,70	16,06	14,85	14,61	13,77	12,98
Produtos alimentares	8,22	4,79	11,04	12,24	12,53	11,90	10,06
Bebidas	5,52	18,65	22,36	20,43	7,92	14,06	20,96
Fumo	5,42	-11,72	-13,90	-9,83	-7,02	-2,29	6,98

FONTE: IBGE/DPE/Departamento de Indústria.

NOTA: As taxas refletem a variação do período do ano de 1993 em relação ao mesmo período de 1992.

Os gêneros que durante o corrente ano, até julho, registraram uma boa *performance* e que contribuíram para o bom desempenho da indústria no Estado foram, principalmente, os que compõem o complexo metalmeccânico. Com efeito, metalúrgica (20,25%), mecânica (32,80%), material elétrico e de comunicações (52,21%) e material de transporte (55,36%) foram os que mais cresceram na indústria gaúcha. O bom desempenho do gênero mecânica foi, em grande parte, sustentado pela indústria de máquinas agrícolas, que apresentou, de janeiro a maio, em comparação com o mesmo período de 1992, um incremento de 13% em suas vendas. Embora não se tenham números oficiais mais recentes para acompanhar a evolução dessa indústria nos últimos meses, informações em periódicos nacionais e gaúchos atestam a sua boa *performance*. Aliás, essa indústria, depois de quatro anos com índices negativos no nível de emprego, aumentou seu contingente de mão-de-obra no Estado em 2,33%. Também os ramos voltados para a produção de aparelhos de ar condicionado e arame comum muito contribuíram para o crescimento dos gêneros anteriormente citados.

Outros gêneros que apresentaram um bom desempenho foram: bebidas (20,96%), produtos alimentares (10,06%) e vestuário, calçados e artefatos de tecidos (12,98%). É de se ressaltar que esses três gêneros produzem produtos de massa, e o crescimento da produção desses bens reflete o aumento da massa de salários decorrente da política salarial menos recessiva e da recuperação de parte das aposentadorias. O gênero borracha (-1,29) foi o único que registrou resultado negativo no período de análise.

O expressivo crescimento da indústria do Rio Grande do Sul é confirmado pelo aumento do consumo de energia elétrica. De acordo com informações prestadas pela Companhia Estadual de Energia Elétrica (GM, 17/19.7.93, p.10), o setor industrial do Estado aumentou em 10,6% o consumo de energia elétrica no primeiro semestre do ano ante igual período de 1992.

Um fato que merece especial destaque, constituindo-se em importante fator para o bom desempenho do setor industrial do Estado no primeiro semestre do corrente ano, foi o aumento significativo de suas exportações. Embora os dados disponíveis se refiram apenas aos cinco primeiros meses do ano, a *performance* do setor, nesse período, leva a prever bons resultados para as exportações gaúchas de 1993. Nos cinco primeiros meses, destacaram-se os gêneros calçados e fumo e produtos do beneficiamento da soja nas vendas externas.

De janeiro a maio, a indústria de calçados exportou US\$ 782 milhões, ante US\$ 430 milhões em igual período do ano passado, correspondendo a um aumento de 81,86% em suas vendas para o mercado externo. Está previsto para até o fim do corrente ano um volume de exportações de calçados que deve atingir a cifra de US\$ 1,4 bilhão.

Quanto à indústria fumageira, embora tenha colaborado para o aumento das exportações do Estado nos cinco primeiros meses do ano, não tem boas perspectivas de vendas externas futuras. Além do aumento da oferta mundial, que fez a cotação do produto cair 20 pontos percentuais, transita pelo Congresso norte-americano um projeto de lei que limita em 30% a utilização de fumo importado nos cigarros produzidos nos EUA, o maior importador do fumo gaúcho.

A indústria de óleos vegetais — outra que se destacou nas exportações no período de janeiro a maio — está mais otimista. Dependendo da situação climática dos EUA, o setor pretende exportar neste ano US\$ 730 milhões, sendo US\$ 560 milhões de farelo de soja e US\$ 170 milhões de óleo.

Outro indicador que atesta o bom desempenho do setor fabril do Rio Grande do Sul é o Índice de Desenvolvimento Industrial (IDI) da FIERGS. Esse índice — que é resultado da interação de um conjunto de variáveis, tais como produção, capacidade instalada, emprego, salários, horas trabalhadas, etc. — aponta, até o mês de junho, uma variação no ano de 13,76 pontos percentuais.

Concluindo, cabe destacar que a *performance* da indústria gaúcha nos sete primeiros meses do corrente ano ficou bem acima da média nacional, fato que vem ocorrendo desde o final do ano que passou e que, em grande parte, pode ser creditado às boas safras agrícolas, confirmando a afinidade que o setor industrial do Estado tem com sua agricultura.

Bibliografia

DIÁRIO COMÉRCIO INDÚSTRIA (18.8.93). São Paulo, p.9.

FOLHA DE SÃO PAULO (25.8.93). São Paulo, p.23.

GAZETA MERCANTIL (30.7.93). São Paulo, p.10.

GAZETA MERCANTIL (3.9.93). São Paulo, p.10.

GAZETA MERCANTIL (15.9.93). São Paulo, p.10.

GAZETA MERCANTIL (17.9.93). São Paulo, p.6.

GAZETA MERCANTIL (17/19.7.93). São Paulo, p.10.

GAZETA MERCANTIL (20.9.93). São Paulo, p.8.